



O DESPERTAR DO FILHO

N.º 231 Lisboa, 23 de Julho de 1910
ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:
Anno, 4\$800 réis — Semestre, 2\$400 réis
Trimestre, 1\$200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA
Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **Rua Formosa, 43**



Uma fabrica de soda

EM

SUA PROPRIA CASA

*Sem ingredientes chimicos
Sem demora nem inconvenientes*

Caixa com 12 cargas . . . 360 réis

Preço do aparelho . . . 1\$600 ..

A soda preparada com os Sparkletes, usada diariamente, misturada com o vinho, ás refeições, facilita a digestão, evitando graves enfermidades. Sy-

phão duplo por 2\$500 réis; caixa com 12 cargas, 350 réis. Pedir em toda a parte o livrinho de instruções e receitas.

Representante em Portugal:

Aurators Ltd.
UPPER EDMONCO
LONDON

Pharmacia Barral

LISBOA

Sociedade fabricante



Discos

Acaba de ser posto á venda o esplendido repertorio dos melhores discos que se encontram no mercado com as ultimas novidades, taes como: *Alma de Dios. Sonho de valsa* e outros de double face ao preço de 1\$050 réis cada disco grande. Discos de outras marcas, muito bons de double face, grandes, a 75 réis. Ninguem os tem mais bem impressos, nem mais baratos. Pedidos á *Casa Simplex, Bicyclettes, discos e machinas fallantes*, de J. CASTELLO BRANCO, rua do Socorro, 23-B e rua de Santo Antão, 32 e 34, quer para venda avulso como para vender.



Instituto polytechnico

Frankenhansen, am Kyffhauser (Allemanha). Para engenheiros, mechanicos e electricistas. AEROTECHNIA.

Grandes laboratorios

AGENCIA DE VIAGENS



8, RUA BELLA DA RAINHA, 8—LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Ni-

lo. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte.

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.

Cheques para hoteis.

Viagens baratissimas á Terra Santa.

UMA GRANDE ROMARIA DO MINHO

O S. TORQUATO

jaquetas novas, calças apertadas para se alargarem sobre a carneira nova dos sapatos de salto de prateleira; bragueses na cabeça; o seu marmeleiro rijo; são os velhos recordando a mocidade, evocando todos os episodios d'essa romaria minhota que tem mais de paga que do catholicis-



- 1—O templo de S. Torquato
- 2—A multidão vindo passar a procissão
- 3—As barracas de comes e bebes

Logo de manhã por aquellas lindas estradas os carros rodam n'um ruido de guiseiras; estalam os chicotes, ouvem-se as vozes dos romeiros n'uma alegria sadia da gente do norte bebedora pela luz do sol e pelo verdasco.

Veem devotos de toda a provincia, veem mesmo da Galliza para vêrem S. Torquato na sua igreja banal e rica. E' um enxame de raparigas garridas vestindo aquellas saias berrantes das mulheres do Minho; os seios resahidos no collete que lhes adelgaça a cinta; os lenços de ramagens vistosas nas suas cabeças de lindas tranças e dos pescoços que o sol morde e parece amadurecer, pendem os cordões ricos, os afoadores de bagas, cruces e medalhas n'uma exhibição de montra d'ourives sobre os seios arfantes. São os rapazes de



mo, apesar de S. Torquato ser bem querido pela igreja.

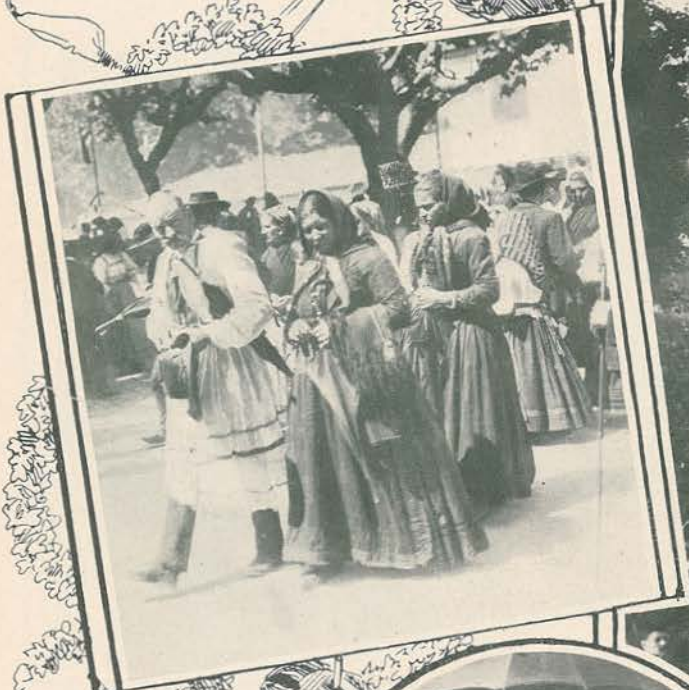
A entrada do largo está o arraial, que como todas as festas minhotas não dispensa as suas tijelinhas nos arcos cobertos de verdura com que se recebem os reis em viagem, se saudam os santos do seu affecto e se festeja o *brazileiro* que paga o estrondo da recepção. Começa-se o negocio nas beiras dos arruados; ali tudo se installa, desde o vendedor de fructas com as suas pyras de laranjas, peras e alperches, os montões de ginjas vermelhas, que de longe lembram lagos de sangue coalhado, os abrunhos e os morangos cheirosos, até ao barbeiro aldeão, o mestre escama, com o seu banco portatil e o seu



aos que fazem negocio com molhadas de foguetes indispensaveis nas romarias tanto do norte como do sul.

De quando em quando estrallejam nos ares; áquelle cheiro de póeira que sahe de baixo dos milhares de pés mistura-se o cheiro da polvora; o som das violas é mais vivo; movem-se melhor homens e mulheres no bailarico improvisado, um a cada canto, em louvor menos de S. Torquato que d'essa necessidade de danças que o povo tem quando lhe vem uma alegria.

A'quella romaria vão mais de dez mil pessoas e é vêr pelo terreiro, á beira dos caminhos, nas veigas, nas sombras, procurando o acou-



1—O portico principal do templo
3—Um dos andores que figuraram na procissão e que representa a entrada de S. Torquato em Guimarães



2—Um devoto amortalhado
4—Barbeiro ao ar livre: sob os chuviscos o paciente segura o guarda chuva

guarda sol que o freguez segura enquanto a cantadeira vae fazendo o seu serviço; desde os que vendem feixes de varapaus até

chego dos muros, os romeiros com seus farneis, as borrachas bem cheias, devorando-os e rindo, fazendo luzir os fundos dos cangirões do verde de cada vez que os põem á bocca. O ruido é ensurdecedor; tudo se mis-

tura, se baralha, se confunde, no cahir da tarde quando a romaria chega ao seu auge. São vozes que se alteiam em boas cantigas minhotas, alegres e maliciosas, e foguetes que estrallem nos ares; musicas aos sons das quaes se dança e pregões sonoros, apellidos, chamadas, guiseiras tilintando; pragas, clamores, risadas e o lita-



1—Um aspecto da romaria
2—Romeiros dançando

peus como um distinctivo; e depois, á sombra das arvoredos, ou no meio do terreiro, jaqueta ao hombro, vozes afinadas, elles dançam, movem-se, saltam, o chapéu para a nuca e S. Torquato, com o seu báculo e a sua mitra, ondeando no alto como um pennacho.

3—A caminho da romaria

niar dos mendigos á beira das estradas fazendo a exposição das suas chagas e dos seus aleijões.

Acabadas as refeições, tudo passa pela igreja a deixar a sua esmola e a comprar uma recordação do santo; continhas e misangas que se põem ao pescoço entre os cordões de valor; registos e imagens que os homens põem nos cha-



Dentro em pouco a cada canto ha um bailarico; vive-se n'uma alegria ebri-festiva. O vinho tem corrido a jorros; o sol tem ajudado a esquentar as cabeças, fazem-se loucuras, trocam-se cajadadas, porque não ha romaria sem desordem, sem amôres, sem vinho e sem foguetes. Na retirada vão pelas mesmas estradas poeirentas os carros ruidosos, os cavallos e os machos enfeitados com os cavalleiros bem escanchados nas sellas, os



magnifico, attrahindo os olhos das raparigas. Mas a maioria da gente rica vae em carros de luxo ou em automoveis, estragando o velho sabor das romarias do norte; passa n'um rompante deixando nuvens de poeira a envolver as burricadas e os pobres peões que ainda ríem, rogando pragas, só da bocca, aos senhores que galgam as distancias e nem os vêem.

Logo ao cahir da noite accendem-se as luzes, os milhares de tijelinhas que brilham e illuminam nas suas côres variegadas; continuam os bailes e os descantes; ha um calor nas cabeças, um louco desejo de saltar; chegam ás lufadas os cheiros das fructas, estalam os foguetes e ouvem-se os descantes.

S. Torquato!... S. Torquato!... O nome do santo repete-se como quando ainda agora passou a procição com a sua pompa, a sua tropa, os seus anjinhos e as suas promessas. Esse nome mistura-se a tudo, aos negocios, aos amôres, ás desordens, anda no ar como a poeira e como os foguetes, sahe de todas as boccas em madrigaes e em cantigas, em tolices e em



- 1—Duas cousas indispensaveis n'uma boa romaria minhota:
mulheres e foguetes
- 2—A alegria ebri-festiva
- 3—Os romeiros entrando no arraial

varapaus sob as pernas, formando um lindo espectáculo pelos poentes. Um ou outro fidalgo que ainda não se abastardou não desdenha entrar na romaria como o seu avô morgado, de braguez e cacete, n'um baio

insolências. É o ídolo do dia, que amanhã esquecerá por outro que sirva de pretexto para a festa.

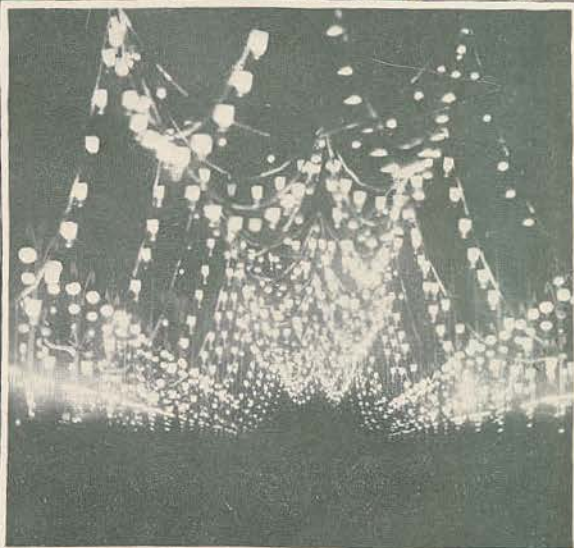
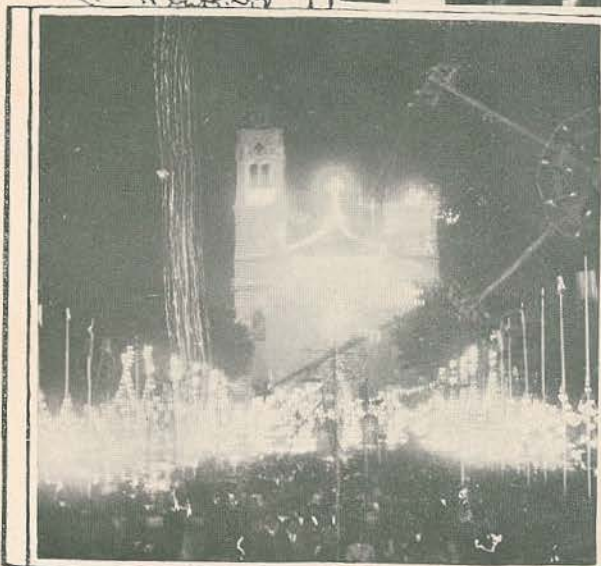
A' hora do fogo de vistas, sem o qual não ha arraial no norte, tudo aquilo pára; a multidão aglomera-se, olha para os espaços d'onde parecem cair em bagas de fogo catadupas de rubis, esmeraldas e brilhantes, as pedras de tom mais raras despejadas do alto para consolo dos olhos e para admiração d'aquella gente que solta brados de pasmo a cada nova peça que rodopia, sóbe, se agita, vem com uma surpresa.

Ao romper da madrugada a festa vae continuar; muitos homens e mulheres teem-se deitado para ali ao acaso, cahidos de canceira, mas não saciados d'esse pagode ebrifectivo mais pagão do que catholico. E lá dentro, no templo rico e banal, vão-se empilhando as moedas das esmolas, n'aquelle primeiro silencio da manhã, e verifica-se sempre que os obolos chegaram a contos de



- 1—Depois do baile e do vinho..... o somno
- 2—Outro aspecto da romaria
- 3—As illuminações na Avenida Central
- 4— As illuminações na rua fronteira ao templo
(Clichés de Carlos Pereira Cardoso)

réis. O santo com o seu baculo parece sorrir enquanto no terreiro os aleijados se preparam para lamuriar, porque no norte como no sul, em todo o paiz, não ha festa sem vinho, sem foguetes e sem mendigos de todas as especies.



UMA ESCOLA AO AR LIVRE.

As escolas em Portugal estão quasi todas installadas em edificios que foram feitos para diversos usos, mas nunca para n'elles ministrar a educação á infancia. E' á falta de hygiene, de condições, o que se nota mais n'essas casas onde se vão encerrar as creanças tendo para recreio, quando teem, um jardinete d'árvores rachiticas e muros altos. Os mezes primaverais e a parte do verão que se passa nas aulas são verdadeiros tormentos para os pequenos cuja applicação naturalmente deve ser prejudicada pelo meio. Pois na Alemanha, onde as escolas estão nas mais rigorosas condições hygienicas e pedagogicas arranjou-se agora um



novo local para instruir a infancia, o campo, a floresta, o ar livre n'esta epoca de calores excessivos. A municipalidade de Charlettenburgo, perto de Berlim, instituiu nos arredores da cidade, no meio do bosque de Grunewald, uma escola primaria que durará todo o verão. Esta idéa feliz permite aos rapazes fazerem uma cura d'ar sem deixarem de se instruir. Todos os dias das sete da manhã ao escurecer funcionam as aulas e é d'um effeito encantador, na paz do bosque, a pequenada dando as suas lições á sombra das grandes arvores, a geographia, a historia, a mathematica e praticando a botanica.

Depois do meio dia, quando o calor



1—Uma aula ao ar livre 2—A aula de geographia

aperta, os alumnos procuram as sombras, estiram-se nas suas portateis cadeiras de lona e ficam a repousar para ao entardecer descansarem dos trabalhos escolares. A' noite, rindo e cantando, recolhem á cidade cheios d'uma alegria sã que a paz da floresta, o ar livre, o bom viço das arvores lhes communicou.

Quanta utilidade se tiraria em fazer o mesmo em Portugal, onde a escola é quasi sempre falta de hygiene. No começo da primavera installar-se-hiam os rapazitos nos campos, em parques como a Tapada da Ajuda, por exemplo, e ali dariam as suas lições no contacto com a natureza.

Essa escola de Charlettenburgo começa a ser imitada em varios pontos da Allemanha e os edificios escolares despovoar-se-hão nos mezes de calor para se fazer essa agradável emigração para o ar livre onde se respira, onde se trabalha mais á vontade.



A aula de canto

As lições de canto são admiráveis; ao côro da pequenada respondem as aves nos arvoresdos como a saudarem os jovens estudantes que habitam o seu bosque.



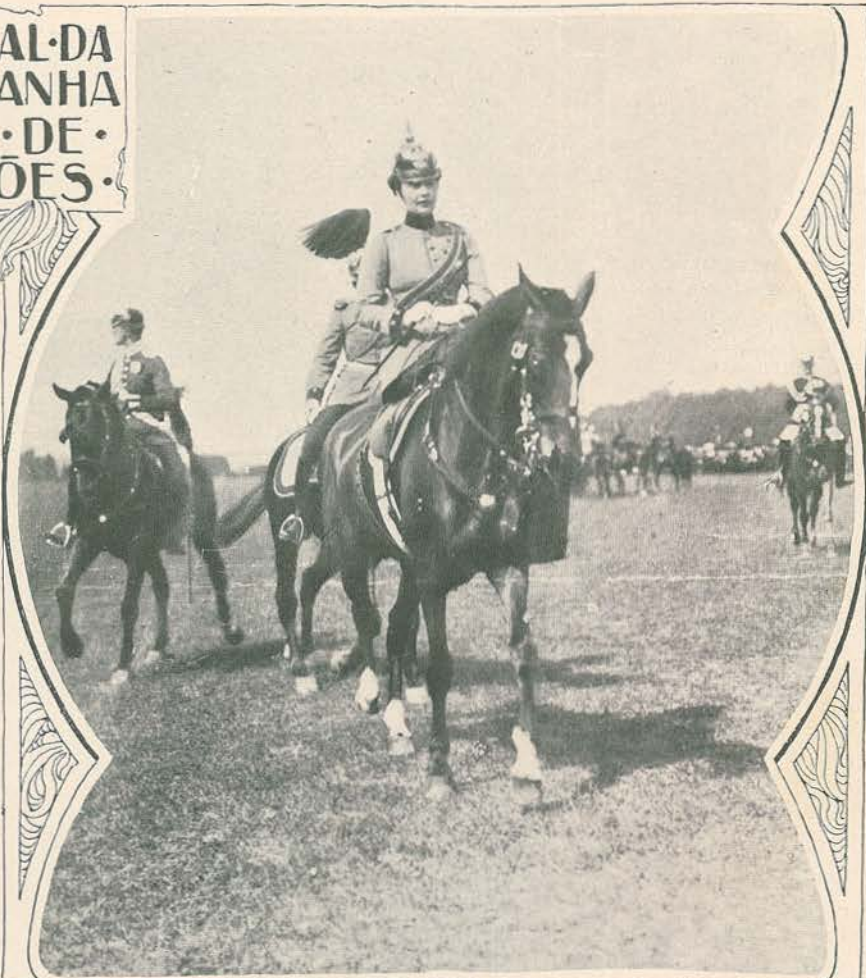
A sésta depois do almoço

(Clubs de Delius)

·A·PRINCESA·REAL·DA
·ALLEMANHA
·CORONELA·DE·
·DRAGÕES·

A princesa real da Alemanha é coronela honora-ria dos dragões de Oels, mas tem sempre um grande prazer em commandar os seus soldados, como fez ha dias.

Os dragões festejaram o cinquentenario do regimento e a princesa Cecilia tomou parte em todas as festas á frente dos militares tanto no campo de manobras de Zelle, onde lhes passou revista, como nas outras solemnidades.



1—A princesa assistindo ás manobras 2—A princesa com o principe na volta das manobras á frente do regimento—(Cliches Delius)

OS PRODIGIOS DO ESPIRITISMO

A "MÉDIUM" EUSAPIA PALADINO

A Illustração Portugueza honra-se publicando o artigo que se segue devido a penna d'um dos mais illustres psychologos francezes, o coronel Albert de Rochas, cujos trabalhos valiosissimos na especialidade lhe deram uma auctoridade reconhecida no mundo da psychica e lhe firmaram uma solida reputação. A analyse feita pelo grande sabio no seu trabalho sobre o mais notavel médium do mundo e as cousas que tão brilhantemente narra tiveram uma espectadora portugueza, madame Frondoni Lacombe, a cuja amabilidade devemos a collaboração do illustre escriptor e que quiz tambem gentilmente encarregar-se da traucção do artigo.



1—Eusapia Paladino
2—Photographia de um espirito materializado obtida n'uma sessão em casa do «médium» Bourenell, em Londres



Eusapia Paladino, cujo caracteristico principal consiste em provocar, sem contacto apparente, a deslocação de objectos inertes, é certamente o médium estudado e observado pelo maior numero de homens de sciencia e com os apparatus de fiscalisação os mais rigorosos e diversos.

O phenomeno dos objectos em movimento, sem contacto, é realmente um phenomeno extraordinario quando é produzido por um organismo vivo. Conhece-se bem a attracção ou repulsão de objectos influenciados por substancias electrificadas, como igualmente a attracção ou repulsão de certos metaes pelo iman; mas, até estes tempos ultimos, não se admittia que um ser humano pudesse, quando cahido n'um estado nervoso particular, designado sob o nome de *trance*, exteriorisar uma força capaz de transpor-



tar objectos pesados de um sitio para o outro, conforme se deseja. Os sabios officiaes admittiam ainda menos que esse mesmo ser pudesse altear-se lentamente pelos seus proprios meios e fôsse, por exemplo, collocar-se sobre uma meza sem saltar para ella e como se fôsse levado por uma outra pessoa. Este ultimo phenomeno, impossivel de imitar-se por fraude, é no entretanto relativamente frequente nos mysticos de todos os tempos e de todos os paizes. Na idade media eram considerados como influencia de Deus ou do Diabo, segundo a boa ou má reputação do *levitado* e muitas vezes tambem segundo o estado d'alma dos espectadores.

Nos nossos dias, Eusapia e Home mostraram-nos que a levitação é uma propriedade mal definida de certos organismos e que não é necessario ser-se um sabio ou um feiticeiro para a possuir.



Uma apparição surpreendente
Photographia de Sister Aimée obtida
pela Sociedade Psychologica de Londres
com o celebre médium Maddoch

Os sabios que estudaram Eusapia estão completamente convencidos da realidade dos phenomenos que ella produz, mas não estão ainda fixados sobre a explicação que lhes convém dar.

Eis a maneira pouco mais ou menos constante como as coisas se passam:

Cinco ou seis pessoas se reúnem em volta de uma meza sobre a qual pousam as mãos, tocando umas nas outras de maneira a formar corrente. Na corrente está Eusapia sentada em frente de uma cortina escura que se colloca n'um angulo do quarto ou em frente de uma janella. Por traz da cortina ou na frente, collocam-se os objectos mais ou menos pesados que os assistentes desejam vêr deslocarem-se pela acção fluidica d'Eusapia.

O logar está fracamente alumiado por uma luz que se prefere ordinariamente encarnada tanto quanto possível e que pôde ser diminuida á vontade, de maneira a apagar-



se completamente em certos casos, para ajudar á coagulação da força que parece obedecer á acção dissolvente das radiações luminosas. Ao fim de 20 a 30 minutos, a força exteriorizada manifesta-se por detraz da cortina que vem empurrada para a Paladino, como se por detraz houvesse uma bola de *football*.

Os assistentes podem sentir esta sensação apoiando as mãos sobre a cortina, porém, se passarmos a mão por detraz d'ella, experimentando agarrar a bola, não se sente absolutamente nada. Deduz-se por este facto que a pressão é devida a uma formação fluidica. Esta formação toma rapidamente a fórma d'uma pedra grossa que segue a nossa mão atravez da cortina, quando apoiamos sobre ella.

A pedra não se demora a transformar-se em uma verdadeira mão fluidica que apparece algumas vezes por um dos lados da cortina e vem mostrar-se aos espectadores e tocá-los ainda que rapidamente. Deve ser esta mão que, applicada á meza nas partes subtrahidas á acção da luz, produz as levitações da propria meza tantas vezes observada.

Publicamos a photographia de uma d'essas levitações produzidas em 1897, em casa de M. Bleck, na presença de Camille Flammarion, cuja cara está escondida e encostada á mão.

Eusapia, n'um momento dado, pretende que se forme por detraz da cortina, á custa do seu fluido e do fluido dos espectadores, uma pessoa meio material que, *diz ella*, ser o espirito de John King, personagem legendaria que se manifesta egualmente com outros «mediums» e que executa os di-



versos actos mechanicos sobre os objectos collocados por detraz da cortina, como por exemplo, sons nas cordas de uma guitarra, o arremessar de um pandeiro para o meio da casa e o peso da cortina sobre a cabeça dos espectadores, etc.

A maioria dos sabios suppõem que John King só existe na imaginação d'Eusapia e que é apenas uma suggestão proveniente do meio onde a sua mediumnidade se desenvolveu. A verdadeira causa dos phenomenos observados residiria na formação momentanea de membros fluidicos sahidos do corpo psychico d'Eusapia, sobretudo da parte que se encontra ao abrigo da acção dissolvente das radiações luminosas.

Esses membros foram algumas vezes



1—Levantamento d'uma meza n'uma sessão de espiritismo em casa do Mr. Blech, em 1899, na presença de Camille Flammarion



2—Um retrato inedito de Eusapia Paladino
3—Modelação em gesso de um espirito, obtida n'uma sessão espirita e a que se refere o coronel Albert de Rochas

vistos por grandes observadores e teem impressionado mais ou menos nitidamente

de braços que não teriam podido sahir da estearina se não fôsem fluidicas.

Eusapia tem a especialidade de dar a impressão de caras, o que parece demonstrar que é o seu corpo astral que ella exteriorisa.

Inserimos a photographia de um relevo obtido, derretendo gesso n'uma fôrma ôca, onde estava a impressão dada



chapas photographicas.

Com esta hypothese comprehendese que Eusapia tenha soffrido muito nas recentes experiencias feitas na America, quando um individuo, escondido atraz d'ella, julgou agarrar-lhe uma perna que ella teria estendido o que era *completamente impossivel*, com o fim de mover um objecto collocado a um metro de distancia por detraz d'ella, ao mesmo tempo que um dos fiscalisadores tinha a sensação de sentir no seu logar e na immobildade a perna da Eusapia segura por elle.



Outros «mediums» puderam deixar em estearina derretida, e depois arrefecida, as fôrmas de pernas e



O coronel Albert de Rochas, auctor do artigo especialmente escripto sobre Eusapia Paladino para a *Illustração Portugueza*

pela Paladino a um metro de distancia n'um recipiente contendo massa de vidraceiro.

Esta impressão foi produzida no mesmo dia e no mesmo logar que a levitação da meza..

Ha ainda uma photographia da Eusapia, feita alguns dias depois, mostrando a semelhança do seu perfil com o da impressão.

Eis sobre este phenomeno a opinião de um especialista, M. Urbain Basset, estatuário director da Escola de Esculptura de Grenoble.

«Em primeiro logar distingue-se distinctamente duas figuras, uma ao lado da outra e uma terceira apenas perceptivel. A figura da esquerda é um fragmento de perfil, de uma mulher de idade e de uma verdadeira perfeição de fórmulas, tendo alguns cabelos lisos sobre as fontes, um olhar muito fixo, as maçãs do rosto salientes, assim como o queixo inferior e as faces cavadas.

A figura da direita, cuja impressão foi feita mais na extremidade é quasi vista de frente e accusa uma fórmula menos definida. O queixo muito saliente, o nariz achatado e contornado á direita parece ser devido ao contacto com o fundo do prato em metal no qual se tinha estendido uma camada de massa de vidraceiro. Os dois arcos das sobrancelhas estão atravessados perpendicularmente por covas rectilineas, da fórmula de leque, partindo da ponta do nariz. Estas covas foram provavelmente produzidas pela desagregação da materia fluidica que serviu á confecção d'esta materialisação.»

Julgo, porém, ser antes a falta de projecção fluidica que, partindo da pessoa da Eusapia, tomou na extremidade a fórmula desejada pelo «medium».

Diz Blech, sobre o braço de quem foi transportado pela força occulta o prato que estava atraz da cortina quando se vincou a impressão, ter sentido tres pressões successivas em seguida ás quaes a Paladino disse: *E' fatto*—Fez-se então luz completa e encontrou-se a impressão.



Antes de terminar este artigo, devo acrescentar uma observação importante com respeito ás accusações de fraudes feitas pela Eusapia Paladino, por pessoas que não estavam sufficientemente informadas sobre a psychologia dos «médiums» ou que tendo idéas preconcebidas falseavam a maneira de ajuizar. Quando se trata de produzir um movimento sem contacto apparente, o «médium» exteriorisa-se em parte e dá á luz, para assim dizer, membros fluidicos em formação—o que se não faz sem dôr; e é por este facto que emprega todos os meios de diminuir o esforço, procurando approximar-se dos objectos que quer deslocar. Como o «médium» se encontra então em estado de *transe*, quero dizer, quasi inconsciente, não mede a distancia e se o deixam avançar a parte carnal (mão ou pé) até estar em contacto com o objecto, o que permite ao observador *superficial* accusar o «médium» de fraude, mas, se por exemplo, se lhe agarrar na mão a uma dezena de centímetros do objecto e o puzerem em condições de não fazer esforço algum a mão fluidica invisivel exteriorisa-se cada vez mais e vae produzir o movimento indicado. Verifiquei este facto muitissimas vezes. Verifiquei igualmente que Eusapia como todos os outros «médiums» é muito suggestiva quando está em transe, obedece não sómente a ordens verbaes, mas tambem aos pensamentos energeticamente accentuados e concebe-se que se um dos experimentadores desejar fortemente que ella faça a fraude, a fim de confirmar as suas idéas preconcebidas, Eusapia empregue esforços para lhe obedecer. Foi o que aconteceu um dia n'uma sessão em Paris em casa do conde de Ganag, onde era fiscalizador o dr. Berillon, sceptico endurecido e onde os phenomenos se produziram com muita difficuldade. Adormecida no dia seguinte por mim, confessou-me que quasi toda a sua força tinha sido empregada a resistir ás suggestões mentaes do doutor que lhe segurava a mão direita.

ALBERT DE ROCHAS.

Grenoble—10 de Maio de 1910

(Tradução de Madame Frondoni Lacombe)



Photographia obtida pelo «médium» Bourenell, em Londres



UM PHILOSOPHO JOÃO DE FREITAS BRANCO.



Teve razão Augusto de Castro nas brilhantes e affectuosas palavras que pronunciou junto da sepultura de João de Freitas Branco: «quando desaparecerem os seus mais intimos amigos, aquelles que com elle viveram dia a dia, e que, dia a dia, puderam admirar a sua excepcional cultura, o seu privilegiado espirito e o seu nobilissimo caracter — a figura moral e intellectual d'esse grande erudito e d'esse singular philosopho desaparecerão tambem». João de Freitas Branco, que podia ter espalhado por muitos volumes os thezouros da sua erudição e do seu talento, não deixou uma obra. Viverá sempre na memoria saudosa dos que o conheceram e amaram; mas na memoria do mundo pouco sobreviverá a si proprio. Não é proposito nosso averiguar os motivos porque este homem verdadeiramente superior pelo espirito e pelo coração nos legou um tão diminuto espolio litterario. A outras muitas figuras eminentes tem succedido o mesmo, por varias e complexas razões. A productividade não é, felizmente, a chancellada da superioridade intellectual. Mas o que e ses ignorados brilhantes não puderam ou não quizeram fazer, cumpre aos seus discipulos ou aos seus amigos fazel-o: salvar do esquecimento, porque esse gesto vale como piedade e como lição, figuras que, pela sua intelligencia e pela sua inexcusada integridade moral, adquiriram o direito de ser extremadas da intellectualidade e da moralidade média. Semelhante trabalho, porém, não cabe nos estreitos limites de um artigo de *magazine*. Pouco mais po-



1— O ultimo retrato de João de Freitas Branco
(1898)
(Phot. Martins)
2—A meza de trabalho de João de Freitas Branco

deremos fazer, aqui, do que fixar a sua iconographia, de resto pouco abundante, os aspectos da sua vida e do seu interior de philosopho, e acompanhar essa documentação de algumas notas biographicas sobre o erudito, sobre o artista e sobre o homem. Já não é pouco tratando-se, como se trata, de uma figura acêrca da qual, por occasião do seu desaparecimento, se fizeram algumas afirmações inexactas

João de Freitas Branco, descendente de uma illustre familia insulana, mantinha ainda, pouco antes da sua morte, o mesmo typo que nos apresenta o seu ultimo retrato, que remonta a





quasi toda a sua educação no estrangeiro. Sahido de Portugal por incompatibilidades universitarias, vémol-o aos 21 annos (1875), estudar no collegio de Santo Edmundo, perto de Londres, e cursar, mais tarde, litteratura, linguas e musica no collegio de Kalksburg, em Vienna d'Austria. Foi n'esses dois institutos que Freitas Branco fez a sua assombrosa erudição musical, colheu o germen do seu polyglottismo e accumulou os primeiros elementos da sua admiravel cultura humanista. Mais tarde a Allemanha e ainda

1898. Era um homem robusto, já levemente pintado de brancas, cultivado no traço e fidalgamente distincto nas maneiras, com um feitio reflexivo e ponderado que desde logo impressionava, com uma bonhomia encantadora que o não abandonava nunca e com uma apparente simplicidade que excedia a mais sincera das modestias. Ao contrario do que costumam praticar os sabios de fresca data e de duvidosa cultura, Freitas Branco teve sempre a melindrosa preocupação de não atirar a sua sciencia á cara dos outros. Profundamente possuido da formula philosophica de Ibsen e de Soren Kirkegaard — o homem mais forte é o mais só — o illustre pensador que foi Freitas Branco fugia systematicamente de todas as evidencias, até da evidencia da larga publicidade, para se refugiar, com esse pudor que ás vezes caracteriza os mais nobres espiritos, na intimidade affectuosa de tres ou quatro amigos apenas. Para esta modalidade do seu caracter concorreu, de certo, muito o facto de ter feito



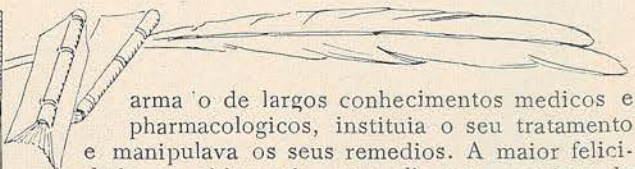
- 1— João de Freitas Branco, musico : a casa do orgão
- 2— Luiz de Freitas Branco, moço e illustre maestro-compositor sobrinho direito de João de Freitas Branco (retrato tirado na Allemanha, em 1910)
- 3— João de Freitas Branco, musico: a casa do violoncello

a Inglaterra acabaram de fazer de Freitas Branco o erudito e o artista que sempre, pelo tempo adiante, tanto pudor tiveram de se

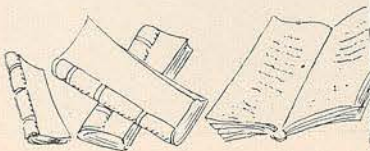


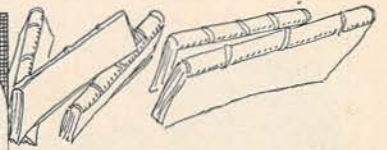
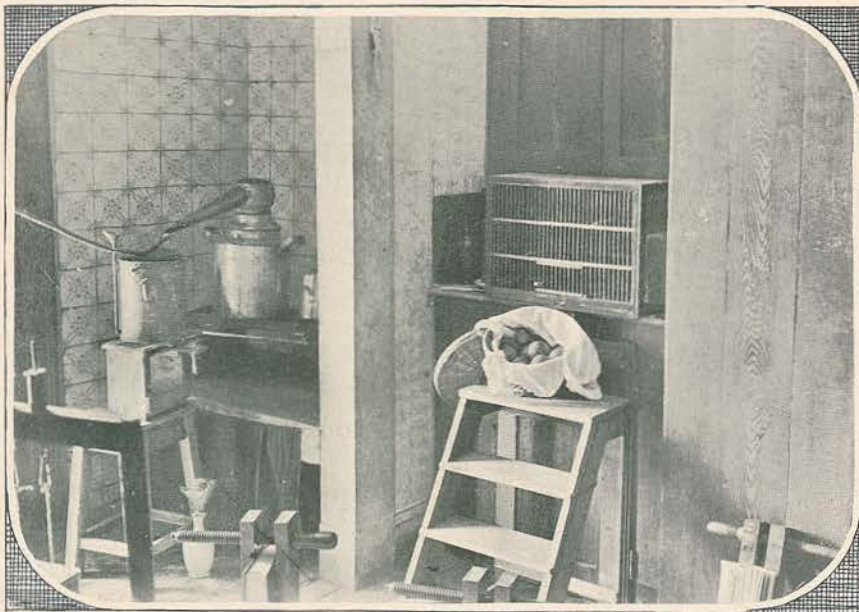
- 1—João de Freitas Branco
artífice: a officina de carpinteiro
e de encadernador
- 2—João de Freitas Branco aos 24
anos (1878)—(Phot. tirada
em Vienna d'Austria)
- 3—Outro aspecto da meza de traba-
lho de João de Freitas Branco

revelar ao grande publico. Mas ainda n'outro ponto se affirmou a educação recebida em Londres: Freitas Branco, ao chegar de Inglaterra, era já o typo perfeito do *self-made-man*, na preocupação, ao mesmo tempo forte e ingenua de, em tudo, bastar a si proprio. Derivava precisamente d'ahi uma das facetas mais curiosas do seu original feito. Tendo creado, no decurso de longos annos de estudo e de labôr, uma rica bibliotheca de muitos mil volumes, aprendeu pacientemente o officio de encadernador, montou em sua casa uma officina, e era elle proprio que, nas horas de repouso da sua labuta mental, encadernava todos os seus livros. Quando adoe-
cia, era elle tambem que,



arma'o de largos conhecimentos medicos e pharmacologicos, instituia o seu tratamento e manipulava os seus remedios. A maior felicidade na vida seria para elle não precisar de ninguem. Os seus habitos de sobriedade, o seu proposito evidente de descomplicar a vida, favoreceram muito as suas naturaes tendencias. Os proprios sabonetes com que se lavava fabricava-os elle. Como vivia só com um fiel creado, que nem mesmo consentia que ficasse em casa de noite, poude realisar o ideal de viver como a sua phantasia lhe ditava. Na sua originalissima casa, quasi os unicos moveis que existem são estantes de livros. Não as comprava nem as mandava fazer; fazia as elle proprio, á força de braço, n'uma officina de carpinteiro que installou em sua casa. Precisava de gaiolas para os seus rouxinoes, que tão bem sabia apanhar e educar? Não as comprava; fabricava-as elle. Por pouco não fazia as suas botas e tecia os seus fatos, á semelhança de Tolstoi, nas terras de Isnaia Poliana. Como eram poucos, apesar de excellentes, os seus amigos, não tinha em casa mais de tres cadeiras. Porque de ordinario lia e escrevia durante as refeições, a sua meza de trabalho era a sua meza de jantar. A mais, n'aquelle interior de solteirão philosopho, só um leito, um orgão e um violoncello. De resto, estantes, muitas estantes; livros, innumerous livros. Era n'esse interior, talvez desconfortavel para muita gente, mas delicioso para elle, que Freitas Branco passava os dias e as noites, n'um recolhimento benedictino, augmentando sempre a sua vasta erudição e a sua extraordinaria cultura em todos os ramos do saber humano. Os seus amigos mais intimos e mais illustres, os academicos Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcellos, dr. Alfredo Luiz Lopes e dr. Gama Pinto, não se cansavam de exaltar a sua erudição excepcional e, um ou outro, não desdenhou a sua affectuosa e culta collaboração. Fosse qual fosse o as-



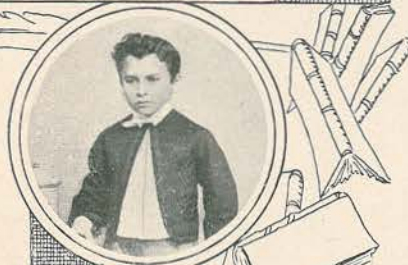


- 1—João de Freitas Branco, chimico: o alambique
- 2—João de Freitas Branco, aos 6 annos (1864)
- 3—Aos 16 annos (1871)—(Phot. Camacho)
- 4—Aos 21 annos, (1875)—(Phot. Debenham Londres)
- 5—O passarinheiro: gaiolas de canna e de arame, feitas por João de Freitas Branco. Sobre uma d'ellas está a «costella» de apanhar passaros

sumpto em que de chofre lhe falassem, Freitas Branco, cuja perseverança era servida por uma admirável memoria, estava sempre prompto a entrar, largamente, na sua discussão.

A mobilisação facil e methodica de todos os conhecimentos que possuia e o seu caracter essencialmente justo, reflectido e desapaixonado, fizeram d'elle um critico notavel nas artes da musica e do theatro. Os seus artigos de critica publicados em portuguez n'alguns jornaes de Lisboa, e em allemão em revistas importantes de Berlim e de Vienna d'Austria, e a consequente auctoridade que desde logo se reconheceu ao auctor, levaram o governo a nomear João de Freitas Branco vogal do jury de admissão de peças no theatro de D. Maria II e, pouco antes da sua morte, vogal interino do conselho de arte dramatica.

Mas se o espirito de Freitas Branco era gentilissimo, o seu caracter era da mais fina tempera. Poucas vezes nos terá sido dado admirar uma tão perfeita integridade moral. Não sabia dissimular; a verdade dominava e dirigia todos os seus actos. Sob o seu aspecto de aparente indifferença, nunca um amigo foi mais

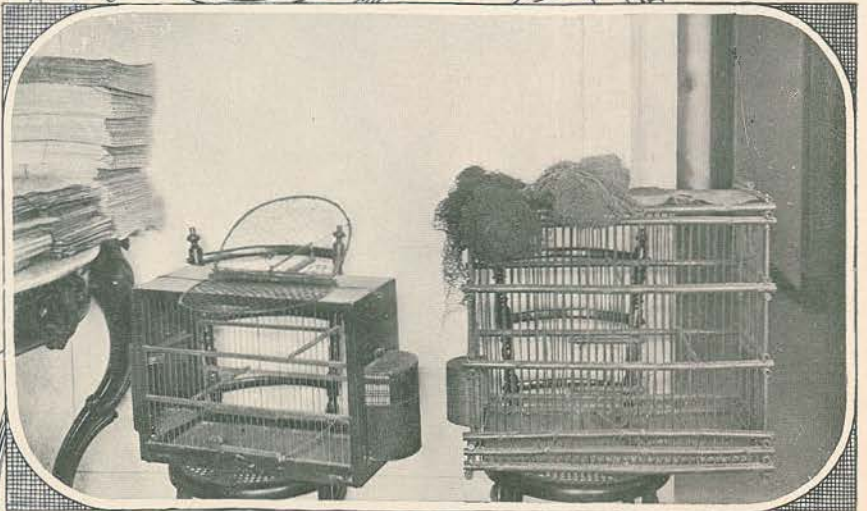


carinhoso do que elle. Na sua misanthropia havia thesouros de sensibilidade. Esse homem pratico, creado e educado em Londres, era bem um meridional. Outro seu grande e velho amigo, Carlos Posser, definiu-o flagrantemente n'estas poucas palavras: «um romantico... que se envergonhava de o ser». Nunca ninguem levou tão longe a dedicação. Se tivesse filhos, teria sido um grande educador e um pae modelar. Uma pessoa porém occupou o lugar de filho no seu coração extremo: foi seu sobrinho Luiz, o moço e talentosissimo compositor, em cujo espirito se transfundiu grande parte do espirito do illustre morto. Foi elle que o educou e guiou; elle ainda que o acompanhou á Allemanha a completar a sua educação musical. N'uma carta escripta de Berlim ao auctor d'estas linhas diz Freitas Branco, no seu justo orgulho de quasi pae: «Ha de gostar do rapaz. Está ali um bocadinho da minha alma, que de pequenino se lhe foi insinuando, e fui eu que lhe lancei no cerebro o germen dos fructos que elle ha de produzir!»

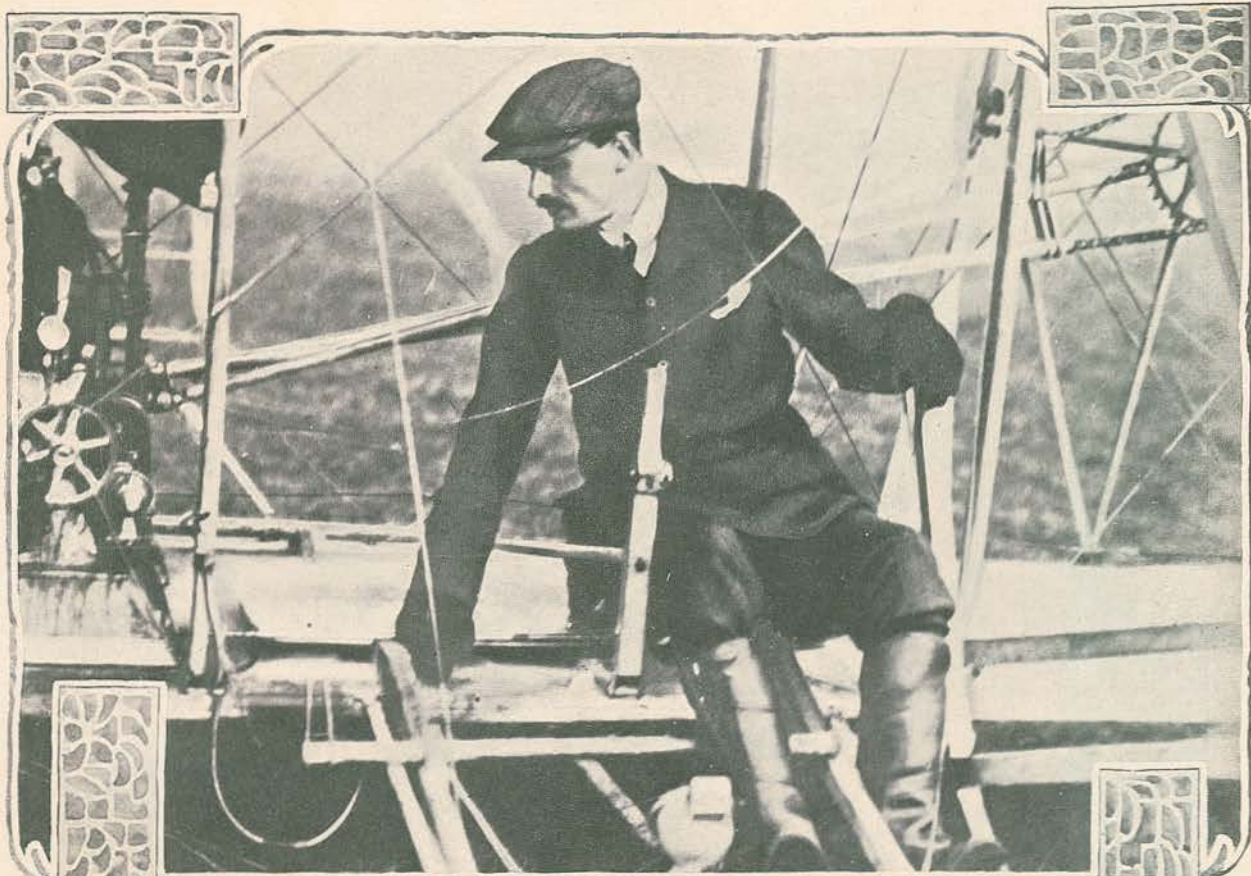
Luiz de Freitas Branco é, em tudo, o seu herdeiro: ha de honrar-lhe o nome.

J. D.

(Clichés de Benoiel).



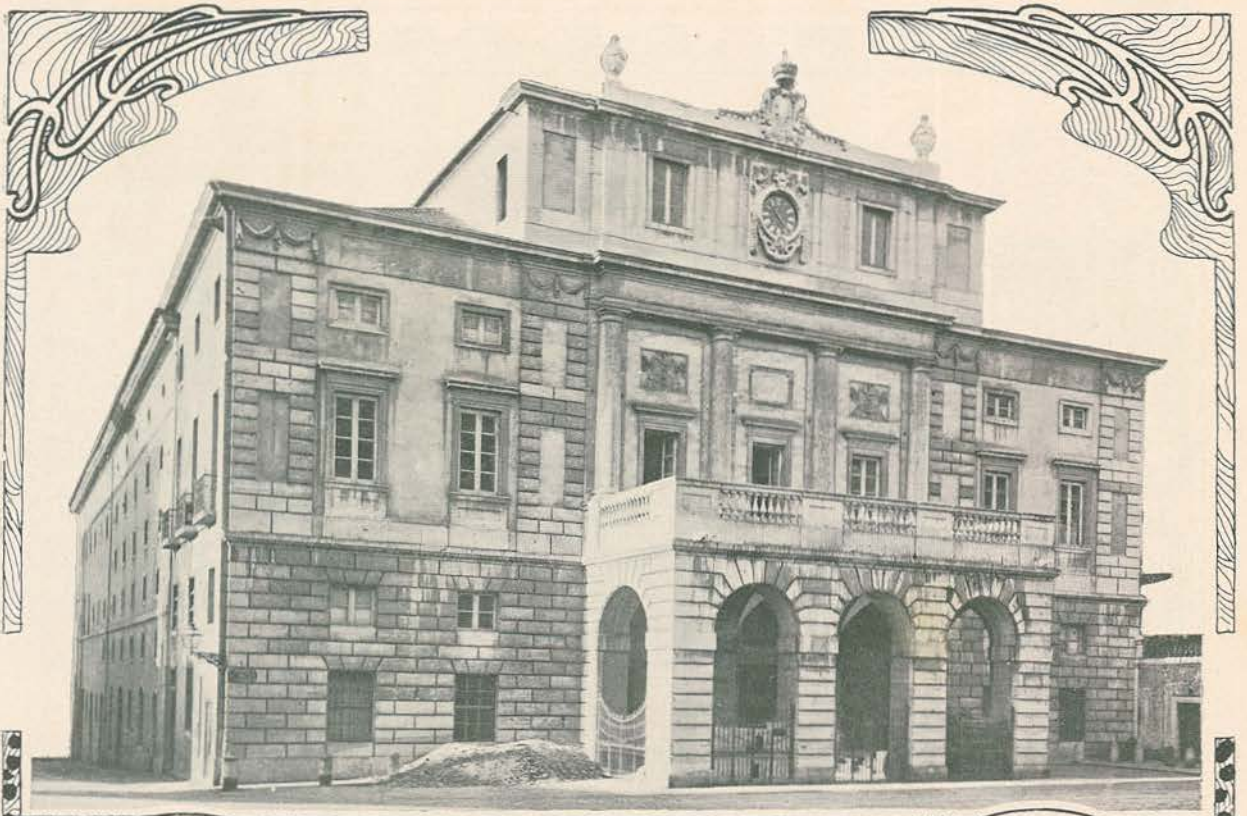
FIGURAS E FACTOS



1—O aviator inglez Roll, que fez a viagem de ida e volta atravez da Mancha, entre a França e Inglaterra, e que acaba de morrer desastradamente em Bourneomonth

2—N'um banquete de surdos-mudos: Um discurso gesticulado

(Clichés Worlds Graphic Press)



OS NOVOS CORISTAS DE S. CARLOS

—O Real Theatro de S. Carlos
 2—O maestro Lorient professor da escola
 de coristas do theatro de S. Carlos
 (Clichê Fernandes)

A' iniciativa do empresario do theatro de S. Carlos, sr. Mimon Anahory, se deve apparecerem agora coristas lyricos portuguezes habilitados. Durante o anno cursaram a escola de canto, installada no theatro, mercê do empresario, dez alumnos, quatro dos quaes perderam o anno por faltas e dois por doença ficando os restantes approvados no exame de canto coral e devendo ser admittidos na proxima epoca nos côros do theatro lyrico. O jury, composto pelos maestros Julio Neuparth, Augusto Machado e José Lorient, escolheu trechos das operas *Huguenotes* e *Buterfly*, que foram perfeitamente cantados pelos novos coristas.



OS "LAZARISTAS" NO CASINO ETOILE



Antonio Ennes, o auctor dos *Lazaristas*

(Cliché de Bobone)

O illustre e velho actor Joaquim d'Almeida voltou a representar os *Lazaristas*, a peça consagrada de Antonio Ennes, que n'um periodo de agitação anti-clerical obteve o maior dos successos até hoje conseguidos por peças portuguezas.

A' alma do povo portuguez falam sempre alto as obras onde se

debatem as cousas da religião. Parece que uma ancestralidade de antigos escravos ligados a ella pelo terror, ajoelhados diante da velha clerezia dominante, surge a consa-

grar todos esses trabalhos demolidores. Foi o que succedeu com os lazaristas então no apogeu do seu dominio mas alvejados pelo escandalo d'um rapto d'uma senhora da familia de José Estevão. Antonio Ennes escreveu a sua peça; Lisboa applaudiu-a n'um protesto contra a seita, e o resto do paiz reclamou-a, desejou vê-la n'uma affirmacão de principios liberaes.

Joaquim d'Almeida interpretou com todo o seu talento o padre Bergeret, soube dar-lhe a hypocrisia e a uncção do modelo que o dramaturgo escolhera, o lazarista de nome suave e palavras doces, o padre Miel, que as devotas ricas iam propositadamente ouvir prégar no pulpito de S. Luiz Rei de França.

Por toda a parte o grande actor recebia os applausos mais vibrantes quando terminava a peça; tornou-se popularissimo e se o trabalho de Antonio Ennes consagrou definitivamente o seu actor, muito concorreu para a gloria d'esse illustre artista cuja vida tem sido tão cheia de triumphos em scena como de contrariedades fóra d'ella.

Passados mais de trinta annos, Joaquim d'Almeida voltou a representar o padre Bergeret dos *Lazaristas* com uma companhia modesta, n'um modestissimo theatro, o *Casino Etoile*, e esse gesto do grande artista tomou fóros de um alto acontecimento theatral.

Ao cabo de tanto tempo, o velho actor soube ainda encontrar as suas expressões d'outro tempo, as intonações de voz, a fórma que lhe valeu outr'ora a consagração, e o publico respondeu a esse



Joaquim d'Almeida no padre Bergeret dos *Lazaristas*

(Clichés de Benoliel)

trabalho applaudindo-o tão delirantemente como no passado. Realmente Joaquim d'Almeida enche de realismo a figura do padre, procura faz-la viver tal qual a conheceu e consegue-o: é uma resurreição.

Naturalmente será este theatro de tão pouca nomeada o ultimo onde o illustre artista estará contractado para representar todas as noites, visto aguardar do governo a sua reforma votada na Camara por proposta do deputado Mello Barreto e á qual falta apenas o parecer da commissão de fazenda.

Sem duvida vae ser concedida a aposentação de Joaquim d'Almeida, porque esse artista, que tantos serviços tem prestado

á arte dramatica do seu paiz e occupa um dos primeiros logares na scena portugueza, não pôde continuar a representar por palcos inferiores para ganhar o pão, embora o publico o cubra dos applausos que lhe são devidos, após uma tão notavel e gloriosa carreira.



A EXPOSIÇÃO DE DHALIAS

NA CAMARA MUNICIPAL



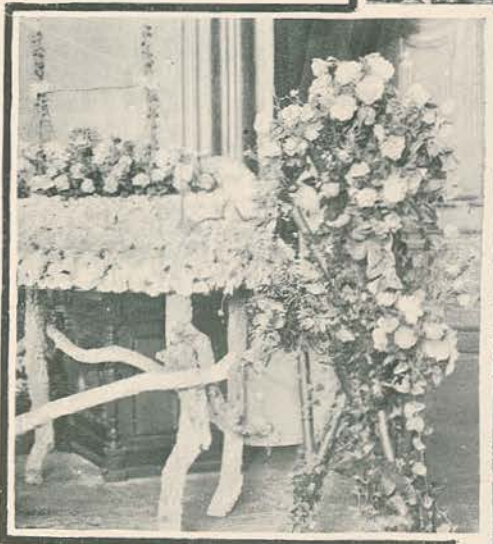
lias, umas d'um vermelho vivo que se chamam *Gelhar Prinz* outras d'um encarnado mais tenue e que são as *Island Queen*.

A par d'estas muitas outras, todas esplendidas, que são o encanto dos olhos e nos deteem muito tempo na sua contemplação. O primeiro premio coube ao jardineiro do passeio da Estrella sr. Manuel Jorge, o segundo ao sr. Arthur Lapa, do mesmo jardim, e o terceiro ao sr. João Nunes, que apresentaram artefactos e ramos.



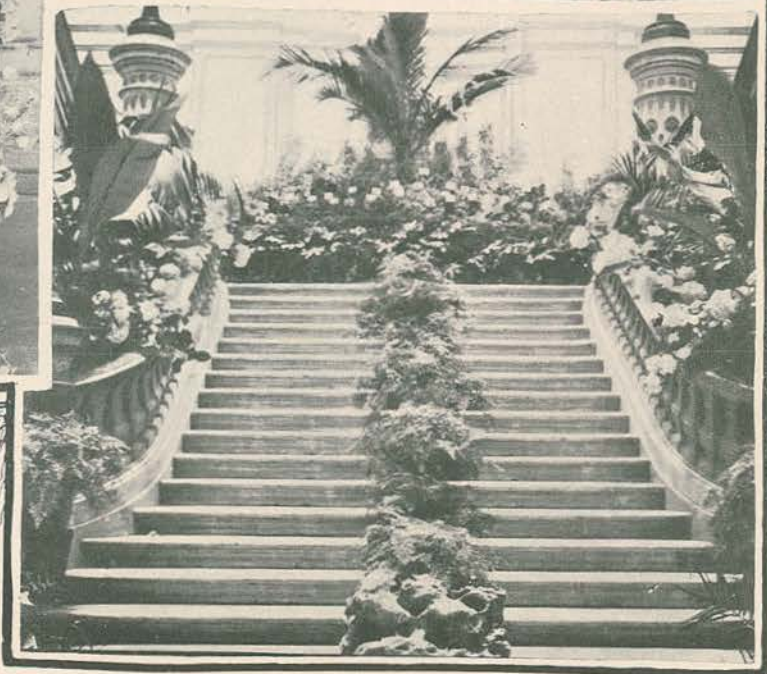
Diversos aspectos da exposição

A Camara Municipal, após a sua magnifica exposição de rosas, fez uma excellente exposição de



(Clichés de Benoliel)

dhalias, que foi um verdadeiro deslumbramento. A escadaria ornada com vasos cheios das lindas flôres e com plantas decorativas era d'um formoso effeito. Apareceram qualidades originalissimas de dha-



OS CAMPOS SALGADOS DAS LEZIRIAS

A Sociedade de Sciencias Agronomicas foi visitar os terrenos salgados da Companhia das Lezirias em Villa Franca e veiu de lá com a convicção formada que se está ali realisando um dos maiores melhoramentos agricolas do nosso paiz nos ultimos tempos.

Desde 1907 que se faz o dessalgamento d'esse terreno, que para ali se levaram machinas aperfeçoadas, se empregou gente, se tiveram cuidados que deram em resultado poder-se no proximo anno agricola cultivar a grande extensão de mil e quinhentos hectares até aqui improprios para a producção, em virtude da sua percentagem de sal marinho.

Os trabalhos de drenagem feitos com uma grande precisão, com machinas magnificas, deram os resultados desejados e é isso que se verifica diante d'aquella porção de terreno



1—Os campos
2—Os srs. conselheiros
D. Luiz de Castro,
Moreira Junior,
e Vicente Monteiro, presidente da direcção da Companhia das Lezirias
3—As mulheres do logar

onde dentro em um anno aloucerá o trigo e se ouvirá o ruido das debulhadoras nas grandes eiras.

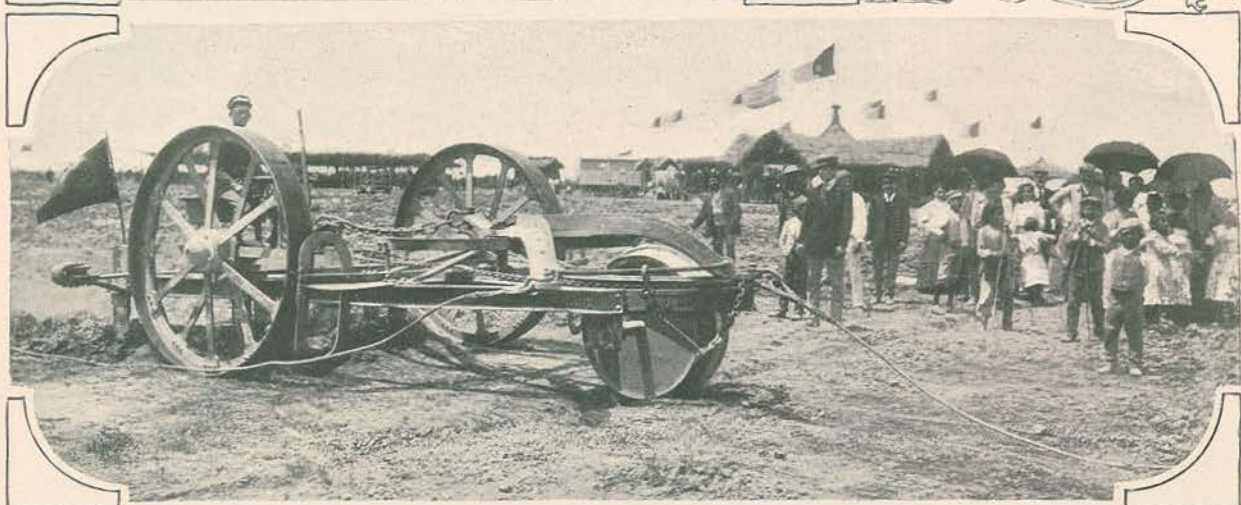
Além d'estes trabalhos, emprehendeu-se tambem a abertura de um grande canal que vem de Mata Caes ao longo de toda a ria de





ram analysando de-
 tidamente as obras,
 que são na realidade impor-
 tantísimas e feitas por machinismos curiosos. Trabal-
 haram também a charrua-
 balança, e a grade a vapor
 com que se lava e limpa o
 terreno e os excursionistas
 viram ainda o que se está
 fazendo para a abertura do
 canal de irrigação.

Ao longo da lezíria mo-
 vem-se duzentos valladores;
 são duzentas en-
 xadas que sobem



- 1—Arado para fazer drenos em ter-
renos húmidos
- 2—Cortador aperfeiçoado
- 3—O sr. Cincinato da Costa
indicando o funcionamento da peça
d'uma arado
- 4—Um aspecto dos campos

Villa Franca e que tem
 dez metros de largura, o
 qual desembocará na Pon-
 ta da Herva, conduzindo a
 agua do Sorraia.

A Sociedade de Scien-
 cias Agronomicas, a con-
 vite da Companhia, visi-
 tou todos estes trabalhos;
 os seus socios estive-





e descem na luz do sol, quatrocentos braços que se mexem no esforço do trabalho, apesar de ser dia de festa. Cheia d'um grande pittoresco foi essa visita às Lezírias, admirável pelas surpresas diante d'essas extensões onde o mais util dos trabalhos agrícolas se está realizando.

- 1—Estorroador a vapor
- 2—Arado a vapor ou charrua inglesa de balança
- 3—Os agronomos assistindo á abertura d'uma valia





1— O pavilhão onde se realizou o almoço

Uma guarda de honra composta por campinos nos seus trajes característicos acompanhava a excursão e era lindo vêr por vezes uma louca desfilada pelo campo, a evocar toda a vida d'esse Ribatejo dos gados, onde o campino reina e que vae agora augmentar as suas pastagens com esses mil e quinhentos hectares de terreno que dentro em pouco serão magnificamente aproveitados.

A Companhia das Lezirias offereceu um almoço aos seus convidados, que se realizou n'um lindo pavilhão expressamente construido para o effeito, sendo servidas comidas á portugueza, como era proprio em



2—No regresso: os campinos saudando os excursionistas

tão bella festa agricola nacional. Presidiu a esse banquete o presidente da Companhia das Lezirias, dr. Vicente Monteiro, tendo a seu lado os srs. D. Luiz de Castro e Moreira Junior, antigos ministros das obras publicas.

Em frente do pavilhão a terra immensa que se cultivará era agitada pelo trabalho que se ia fazendo n'aquelle domingo cheio de luz; moviam-se as machinas, erguiam-se as ferramentas dos valladores, tudo na esperança d'um grande exito que compensará o capital e o salariado que precisa empregar os seus braços.

3—A bordo das fragatas á volta (Cluchés de Benoiel)



ARTE · DECORATIVA

AS PENNAS DE JOÃO DA SILVA

O novo, mas já illustre artista sr. João da Silva, que fez um curso distinctissimo na escola industrial Príncipe Real, esteve como cinzelador na casa Fleuret, de Paris, e frequentou a Escola das Artes Industriais de Genebra, acaba de augmentar a sua obra com o trabalho delicado das pennas que alguns regeneradores-liberaes, offereceram ao director e redactor principal do *Correio da Manhã*.

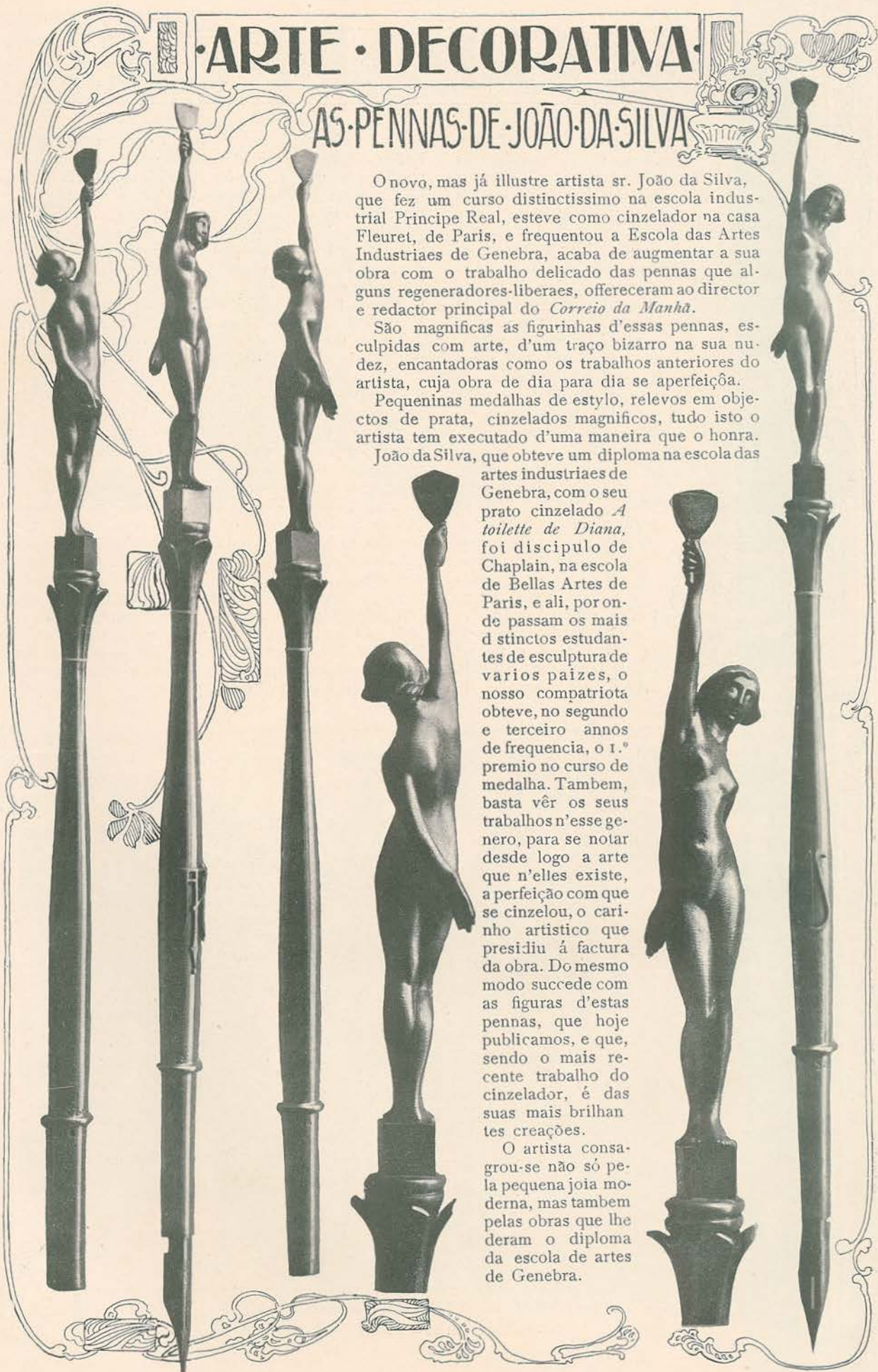
São magnificas as figurinhas d'essas pennas, esculpidas com arte, d'um traço bizarro na sua nudez, encantadoras como os trabalhos anteriores do artista, cuja obra de dia para dia se aperfeiçoa.

Pequeninas medalhas de estylo, relevos em objectos de prata, cinzelados magnificos, tudo isto o artista tem executado d'uma maneira que o honra.

João da Silva, que obteve um diploma na escola das

artes industriaes de Genebra, com o seu prato cinzelado *A toilette de Diana*, foi discipulo de Chaplain, na escola de Bellas Artes de Paris, e ali, por onde passam os mais distinctos estudantes de escultura de varios paizes, o nosso compatriota obteve, no segundo e terceiro annos de frequencia, o 1.º premio no curso de medalha. Tambem, basta vêr os seus trabalhos n'esse genero, para se notar desde logo a arte que n'elles existe, a perfeição com que se cinzelou, o carinho artistico que presidiu á factura da obra. Do mesmo modo succede com as figuras d'estas pennas, que hoje publicamos, e que, sendo o mais recente trabalho do cinzelador, é das suas mais brilhantes creações.

O artista consagrou-se não só pela pequena joia moderna, mas tambem pelas obras que lhe deram o diploma da escola de artes de Genebra.



O CULTO DO CÃO



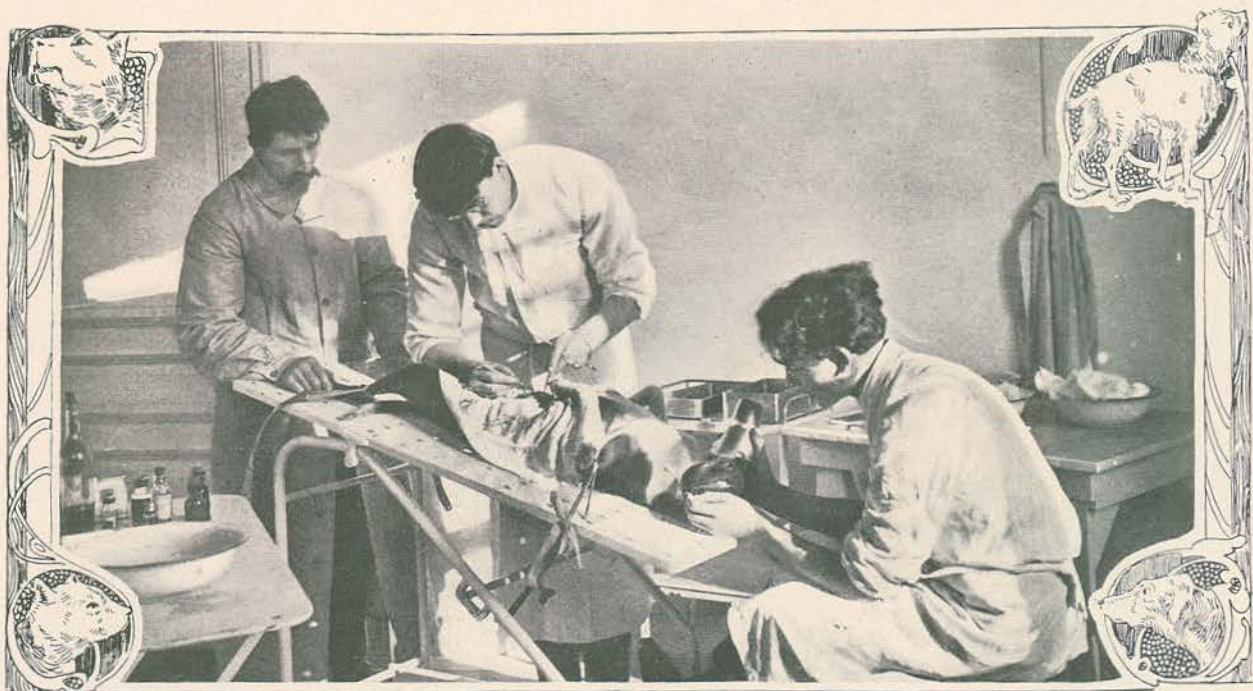
Maio e junho são em Paris os mezes elegantes do ar livre. E' então a renascença das estradas brancas, incansáveis, dos grandes palacios d'arte adormecidos, dos bosques que recobram o seu paganismo antigo de incitadores do goso e embalo do inconsciente. A cada canto ha uma exposição, ha uma festa, um carevansará onde se admira e se ama e o mais vencido da vida pode encontrar um jardim da consolação e o antidoto do bocejo.

Na Bagatelle ha pintura, retratos de crianças desde Wateau a Amanzeau, no Monte Valeriano casacas verdes de Napoleão veem ao sol, ás portas de Paris os aeroplanos na sua ronda phantastica cantam mais alto que os sacerdotes o *gloria in excelsis*. E o Grand Palais como uma tulha do Egypto está prenhe de

arte, de côr, de barro, de linha, desde a fôrma baby-lonica estupeficada e affrontosa ao jogo inquietante do movimento moderno, vôo de dirigivel, ruflar d'azas, divina passagem da amphora etrusca á silhueta de mulher. Em fins de julho abriu na Cour de la Reine a exposição canina, 1:700 cães nada menos desde o hirsuto mastim de Brié á cadellinha Blenheim farfalhuda e coquette como uma viscondessa dos Trianons mortos. Foi a semana dos cães, na rua, na sala, no jornal onde Gavedam falou com Santo Humberto e o lapis de Vilette pôz a ladrar matilhas inteiras. Viviam-se no grande hall toda uma *halte de chasse* com o clangor das trompas, os batedores, o bufete solerte, a matilha dos 25 *batards* gascões do duque de Noailles viva e aberta ferida do appello, os *poitevins* de De Launay, o tritar nevrotico dos galgos russos. Ao lado os Skipperkes encolhiam-se na alcatifa fôfa como ratos, os carlins gemiam, os *loulous* da Pomerania curtiam a gotta em presepios faustuosos onde centenaes de mãos em centenaes de horas casaram o mais lyrico da seda com a maxima doçura do algodão em rama. Os molossos do Monte S. Bernardo e os Terra-Novas, na palha, contemplavam d'olhos de Santo esta feeria inedita, um Kiki engulindo cerimoniosamente pilulas tonicas, o deslize vago d'uma robe, este sacco malicioso onde tilinta a graça das mulheres como as libras no collete d'um braz leiro. Os cães reinavam, era a epiphania dos cães, todas as raças, todas as garras, todos os pellos, congregados pelo mesmo tecto e os mesmos biscoitos Sprath, de espectáculo para todo o mundo como um magnificente tribunal de Haya.



1—Um cão portatil 2—«Griffons á vendre...»



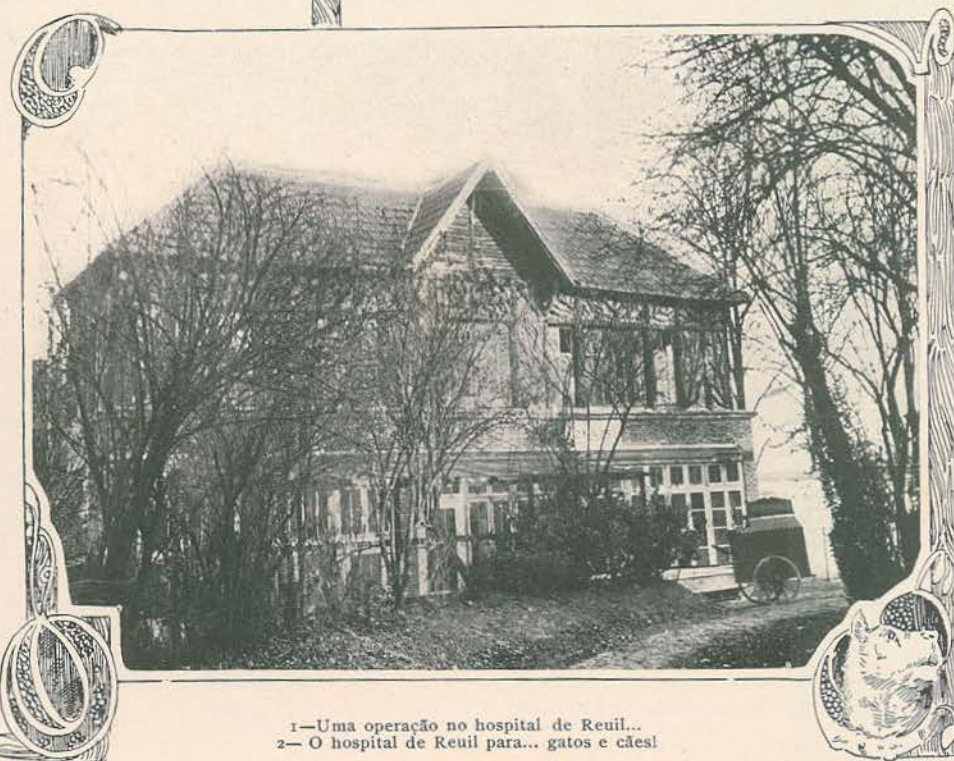
Oh! vale bem a pena ser cão em Paris, cão de dona! Não ha ser mais feliz, tendo ao seu serviço meio mundo, não precisando fazer contas de sommar, nem tendo necessidade de ler jornaes. E não obstante gosa de todas as excellencias do seculo xx, *douches*, automovel, gripes, um *groom*, *raùts* cheios do halito dos ministros e dos sabios de França. Nas *soirées* anda de mão em mão, de beijo, em beijo e os seus *flirts* são delicados, participam da contracção sentimental das figuras de Maurice Barrés. Ouve missa na Magdalena ou em Santo Agostinho com um *paletot* estofado, o seu collar de perolas e sabe guardar as conveniencias. Os seus olhos finos seguem attentamente o sacerdote, sarilhando lá ao alto n'uma nuvem de prata e ouro e cantando ao contacto vermelho dos acolytos. E como uma alma christã apara no vôo atravez das naves para os espaço bemditos o *orate fratres* carinhoso e solemne.

A par d'este, o cão das aldeias é um selvagem que parece veiu degredado das tribus livres da Pomerania. Se vae aos templos entre em-se a namorar, ou enovelado n'uma bola felpuda gosa o sol caindo ensanguentado dos vitraes sangrentos. A's vezes senta-se na abside, de costas voltadas para os mysterios, d'olhos vagos a urdir um cinematographo terrivel de lobos e montarias. Se a *Farrusca* apparece luxuriosa e pimpante, elle quebra a reverencia e o devaneio e ergue a grimpá amorosa de D. Juan. E quando tem fome anda de fiel para fiel, largando uma supplica muda, roçando do focinho

humido as mãos erguidas ao Senhor. Isto, posto que forneça uma fabula de Esopo, nem é bonito nem exemplar. Ou os cães se portam como devem nas egrejas ou deviam lhes ser fechadas as portas.

Em Paris, pelo contrario, o *canis familiaris* é um senhor respeitoso que aprendeu os conselhos mundanos da Comtesse Juienne. Sabe as regras do tom em sala e em passeio; tem um ar melancolico de nevralgias ou apendicite; desdenha do mundo e dos lacaios e vota ao mais profundo desprezo os semelhantes que andam á pata. D'um humor muito concentrado no seu olhar ha *subtis fableaux*, anecdotes travessas que ousam a Boccaccio e Rabelais.

Seria um grande romancista, um Balzac, se na sua vida interior houvesse uma simples preocupação humana, e sentisse a voluptuosidade da dôr que



1—Uma operação no hospital de Reuil...
2— O hospital de Reuil para... gatos e cães!

causa o parto d'um paradoxo e o contracto com um livreiro. Contaria então a vida fina de S. Germain com uma fidelidade de chronista allemão, o sol da vida domestica, o ninho de cuco da alcova, os soliloquios do amo ao lavar da casa. Desgraçadamente hoje já não ha *dilettanti* que façam litteratura assim reflexa como as *Memoires d'un âne* ou a *Gaticanea*. A litteratura tornou-se um mister pedante, barato, que não sabe quem é Deus, nem põe a rufar o rustico tamboril de Esopo.

Republicanamente o cão de Paris é mais que um vulgar cidadão que tem o direito do voto e licença de se embebedar ao domingo; é agente civil, chefe de segurança. A Prefeitura da policia educou e illustrou uma tropa de cães para a caça ao homem. Os cães mesmo deram o nome a uma casta de gendarmes-*limiers*. Elles atiram-se a um malandro e esfrangalham-no; quando se deu o drama Steinheil, dois mastins bateram Paris de cabo a rabo dois santos dias e duas santas noites. Imprevistamente o crime havia sido praticado de aeroplano.

Ha na policia um cão condecorado que tem á sua parte mais de sessenta prisões de malandrins. Chama-se *Topsi*, só lhe talta jogar o sabre e falar linguas. Ensinaram-no a principio com bonecos de palha e as suas defezas fortes guardam hoje as digestões da gente honrada.

Este cão policial não é um genero d'acaso, é uma profissão publica. Concorre-se a elle com papel sellado e certidão de costumes. Todos os outomnos ha um grande concurso nas Tulherias, apadrinhado por mr. Lepine, para preencher as vagas.

No Sena ha tambem uma brigada alentada de Terranovas e cães da Pomerania que tem a cargo salvar os miseraveis que se lançam á agua. As boas almas acham que é este o papel menos nobre do cão, porque a samarra d'um suicida não é digna de tocar a alva dentuça d'um molosso.

E' esta em Paris a condição do cão *comme il faut*, bicho das salas, guarda da cidade, salvador de naufragos. Ha outros cães ainda, mas pouco interessantes; são plebeus, não se lavam com agua de Colonia e teem um nome corriqueiro que nunca andou nos romances. Um d'elles é o cão do carroceiro; não ha carripa que não tenha o seu mastim. E' mau, azevieiro, leva sempre o focinho arreganhado para o publico e cabriola no carro em marcha como um palhaço. Ainda o peor defeito é o seu individualismo.

Ha outros que se podem dizer os parias da raça, a quem os elegantes braques, os atrabiliarios *roquets* as havanezas de focinho provocante votam o mais profundo desprezo: é o cão *tournebroche*, o cão dos menestreis, e o cão dos *Cranquebille*.

O cão *tournebroche* é um pobre diabo mal alimentado e sujo, que nas *rotisseries* vira o espeto ao lume (*tourne broche*) eterna e successivamente onde se rechina o faisão e o cabrito. Isto é um Tantaló e daria para um poema a um Dante. O cão menestrel é um pelotiqueiro sabio e trocintas que ladra emquanto o realejo rosna e erguendo as mãos para o ar pede á burguezia de janella *sous* e assucar.

Semcerimoniosamente come o assucar e leva



Um mercado de cães, em Paris

na bocca os centimos ao amo. O cão de *Cranquebille* esse é um pobre tinhoso negro e a largar a pelle que espanta as cadellas lascivas do seu odor, catinguento, e trabalha nas tarefas longas e pacientes dos bois. *Cranquebille* vae rolando pela cidade fóra a carripa atestada de nabos, de couves, de cenouras. E' tão pesada que a calçada treme. Com uma sôga no ventre o homem vae aos varaes; o cão vae por baixo amarrado ao eixo.

Ambos fincam as pernas, roncam, alagam a rua de suor. E quando param deante dos *ménages* o homem grita:

— *Deux sous la botte de navets, deux sous* — e o cão emergindo a cabeça ladra, chama as creadas de servir, as rotundas *concierges* d'oculos a escorregar.

Quando este fallece, o amo dá-lhe um pon.

tapé no bandulho a sondar a morte e a estolal-o. A pelle sempre dá uma *chopinne* no *Raisin d'Or*.

São pouco interessantes estes cães proletarios e vagabundos. Não teem esthetica nem interesse psychologico como os *griffons* conservadores, os *espagneuls* rheumatizados, os cães inglezes cheios de morgue, os bohemios *Carbets*. E comem pão o que em Paris é o supremo aviltamento da raça.

Por isto mesmo os outros são superiores aos homens semi-barbaros dos campos. Os camponeses da Beira dizem quando ha festa na terra vizinha:

—Hoje os de F. deitam trigo no caldo.

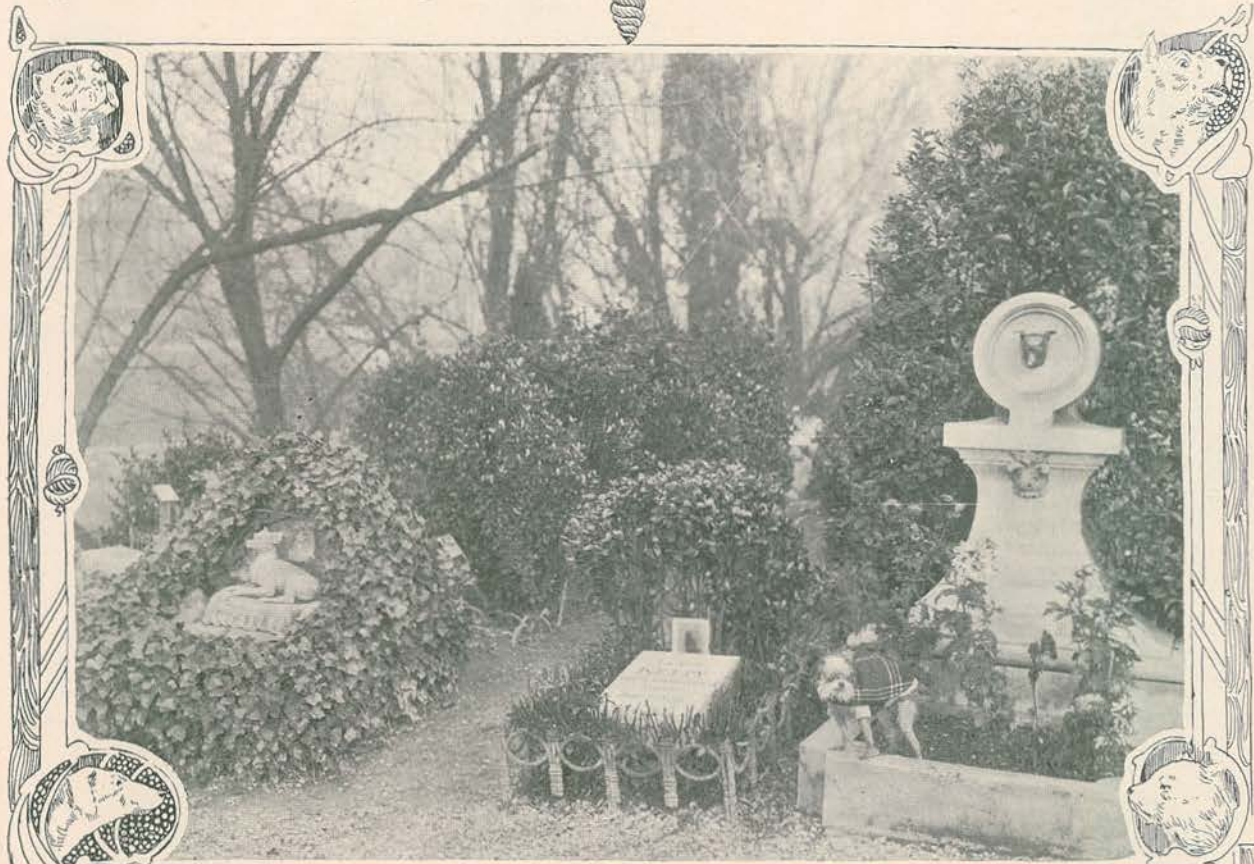
Quer dizer, o facto de migar trigo nas berças

Ai! é por tudo isto que eu desejaria ser cão em Paris, com doçura na vida, um hospicio, um cemiterio alegre na morte, a lei Grammont e Santo Zarathustra a legislar:

— *As mãos sejam cortadas ou os pés áquelle que bater nos cães.*



O Sena é um rio luxurioso que vae deixando nos seus zig-zagues caprichosos atravez dos plainos um rosario de ilhas pequenas e floridas para os mortaes gosarem o amôr e a voluptuosidade. Para lá da barreira de Clichy ha a ilha dos Ravageurs; a linha dos tramways, saltando duas pontes formidaveis, corta-a em duas metades. Para um lado ha uma mancha calva, onde os vadios



O cemiterio dos cães em Clichy

é raro, solemne e elegante para elles, obrigados ao passadio da borôz de centeio e da borôa milho. A França não tem nada com a Beira mas isto demonstra que os cães de Paris são de condição superior aos labregos de Portugal.

O baptismo d'um cão de luxo é um acontecimento grave e festivo. Geralmente põem aos cães nomes de coisas amadas ou odiadas, dioglabos cantantes e cristalinos Kiki, Toto, Geda, Ines, Gaura, Frou-frou, Coco, Fan fan, etc.

Naná entrou na ordem depois de encafuarem Zola no Pantheon e *Populo* depois da irritante questão social.

Os amores de *Kiki* são rimados e os amores de *Cocotte* espreitados. E quando a *Caniche* da viscondessa Folichonne se mostra inconveniente para o *King-Charles* de madame Toulemonde, madame Toulemonde varre a inconveniencia á cara da viscondessa Folichonne.

e as *pierreuses* vão moinar, no outro fica o cemiterio dos cães.

O cemiterio dos cães é a traducção para bilhete postal do Père Lachaise. E igualmente encontram-se ali aleas, tumulos, lagrimas, buxos, e epitaphios inchados de virtude como ôdres. Só ali falta a valla commum para a cainçalha anonyma, e quanto a cruzeiros apenas a princeza Pignatelli teve a reverencia temivel de elevar um sobre as cinzas da sua cadellinha *Emma*. Não ha lá vallas nem cruzes, mas a mesma voluptuosidade da morte transpira dos marmores, e a mesma religiosidade pelos ossos que sentiram, amaram e soffreram e recaíram no esphacelamento das sombras.

Aqui, como ali, os inglezes passam em caravanas de *Baedeker* na mão, lendo as inscrições com o mesmo rigor disciplinado com que soletram uma legenda do *Assiette au beurre*.

Vêm-se lá coveiros a fossar na terra e almas gentis vergando sob a mascara pesada que se afivella quando se vae em romaria á derradeira morada. Sómente no cemiterio dos cães não ha a mesma parada de cerimonia, não estando ainda não estando ainda definitivamente no protocolo a casaca preta e o convite nos jornaes pera o enterro do *Kiki*.

Sobre uma lousa d'alvo granito, franjada de hera encontramos a melancolica alma portugueza, d'esta fórma:

Lowe

*Sobre a tua sepultura uma lagrima de saudade
Dava vontade de debulhar as meninas dos*

*avec mon chagrin mon meilleur ami
Tout regretté
je t'aimerai et te
regretterai éternellement
15 mai 1905
M. G. D.*

Inés II, em bronze, do alto d'um plinto, sobre a adoração serafica dos crisantemos, o orgulho azul d'uma corôa ducal, latio um conceito fino de sala, de *bas-bleue* velha e dolorida:

Semper fidelis

E Lydia, de 12 annos, tinha ali um necrologio anacreontico para toda a eternidade: *elle etait*



O cão da policia allemã

olhos se o seguinte não dêsse vontade de morrer:

Eternellement je te regretterai chère petit gosse aimée; combien vide sera ma vie desormais sans toi! Adieu mon petit «Won-won».

Um leão do Bostoch dormia em campa raza como um heroe anonymo que cumprida a sua missão se retirou sem ruido. Ao pé sobre uma granja de perpetuas um fuste chorava elegiacamente:

*A
mon
cher petit FAUST
MOU JOLI MOUTON
bien aimé, tu etais
trop bon et trop
intelligent por vivre!...
Il a fallu que tu
me laisses seule*

aussi belle que bonne, elle a été aimé autant qu'elle aimait.

Em volta o Sena carpia, levava para o mar as maguas dos lindos labios que ali vão reviver ao sol-pôr, como as raparigas de Jerusalem ás portas sobre o bocal tristonho das cisternas.

Mr. Lebonard, cura de S. Sulpicio, da Associação Protectora dos Animaes, travou da minha curiosidade como do seu breviario áquella hora religiosa de vespas. E muito versado na legenda canina desde Diogenes a Benjamin Rabier foi o meu *cicerone* deleitavel no jardim das resignações. Desenfatiadamente os meus dentes espremeram uma ironia leve onde a verdade era casta e a mentira não atrevida:

—Sabe, senhor abbade, Barbou diz no livro *Le chien* que um concilio de pastores se reuniu para definir dogmaticamente se os cães tinham ou não alma.

Mr. Lebounard ficou pensativo, suspensa ao alto a sua mão pesada e branca feita para erguer a alvura do Cordeiro de Deus e esmagar os erros da fé.

«Não; elle não vira citado esse concilio na Encyclopædia Magine... mas podia ser... um erro discutivel de fé.

— Seja como fôr, nos tempos que vão correndo vale mais ser cão que homem...

— Blasphemias.

— Não, não é um conceito epicurista para deitar a alma fóra e escarnecer dos homens. Quando não estou senhor de mim não tenho appetite de ser cão.

— Então?...

— Quando vou pelos caminhos, dorido do calor, atropellado do mundo, e contemplo os perdigueiros, de capotinho de seda, ao collo de boas mulheres, é que eu queria converter-me n'uma *Pounette* n'um *Rip*.

— Inspirações do demonio, meu bom senhor. Esses cães, essas damas, são a molície, o peccado, toda a *turpiludo fornicaionis*.

— Esses gosos vão a toda a parte, senhor abbade, não conhecem a questão social, não soffrem, não teem idéas...

— O senhor renega-me das idéas? Não dava a mão direita para ler Bossuet, S. Thomaz, se alguma coisa lh'o vedasse?!

— Dava as duas, meu padre, dava as duas.

— Pois se essa insensata metamorphose se realizasse o senhor perderia a delicia de ler as *Oraisons funébres* e a *Summa theologia*. Perdia os olhos da intelligencia!...

— Sim, mas...

— Não, cão nem o cão de S. Roque a quem Deus emprestou o uso da razão e confiou a mensagem da sua divina graça.

E suavemente, cheio de unção antiga, me contou esta petala fragrante da Flôr dos Santos:

«N'aquelle tempo lavrava grande peste na Italia, dizimando cidades e aldeias. Roque encontrava se por aquellas paragens e d'animo resolute arcou contra o flagello, armado do melifluro nome de Jesus e do patrocínio dos corteãos da curia celeste. Por onde passasse o seu si-

gnal da cruz os moribundos recuperavam a saude e os pestiferos ficavam sãos e escorreltos. Tantas almas roubou á morte que a morte acabou por reparar n'aquelle santo enfermeiro tão iroso a combatel-a. Ou queren lo Deus provar o primeiro barro do seu servo lhe mandou um mal tão ruim e penoso que elle desatou a correr pelas ruas, de cabellos em pé, gritando e uivando. Era em Plaisance e a gente que

tal viu, tomando-o por um endemoninhado, o correu á pedra para fóra de portas. Acolhendo-se então a um bosque, meio morto, viu ao cabo de tres dias um cão que segurava um bolo nos dentes. Não duvidou o santo homem que aquillo fosse soccorro divino e approximando-se do animal lhe tirou o bocado.

D'ali em diante todos os dias se repetiu aquelle singular favor da Providencia e ali viveu elle muito tempo rezando e soffrendo da carne peccadora. O animalsinho além de pontualmente lhe trazer a fatia celeste como o corvo d'Elias, lhe lambia as chagas e as chagas saravam.

Mas succedeu que o dono do cão, um rico burguez chamado Gothard, surprehendesse a engenhosa traça do seu lebreu e o mandasse espisar.

O cão foi direito á cabana onde o santo justo se enlevava, suspenso na contemplação esplendida dos céos. Veiu o pallio, ao toque dos sinos, buscar o bom anachoreta e toda a Plaisance se cobriu de galas. Roque, porém, desdenhando as offertis de Gothard; os bens e as riquezas d'este mun-

do, só lhe aceitou o cão e em santa vagabundagem se partiu pelo mundo, destruindo os espinhos do peccado, exalçando os humildes.

Quando o somno derradeiro lhe franqueou o passo para a vida eterna o velho cão não lhe sobreviveu. Um entrou no palacio da bemaventurança, o outro ficou na legenda dourada o companheiro fiel, o sagaz mensageiro do Altissimo.

— Meu padre, não acolheria Deus tambem na sua celeste morada o pobre cãesinho?...

— Quem sabe, meu filho!... Deus é bom e os seus designios occultos.

Paris, julho 1910.

AQUILINO RIBEIRO.



O banho d'um cão

(Clichés Delius)



FIGURAS E FACTOS

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO. — O novo livro d'este illustre escriptor intitula-se *Lisboa Tragica*. São chronicas feitas n'aquella já característica fórma do auctor aberta e franca, dizendo tudo o que sente, atirando-o sinceramente a marcar ridiculos sociaes, crimes collectivos, a desvendar refulhos de corações, emfim a pôr a nú a convencional maneira de viver. Desde o seu livro *Palavras Cynicas* que o moço escriptor conseguiu chamar para si as atenções, porque trazia comsigo a audacia d'um rebelde imposta na maneira d'um profissional das letras intelligente. Para todos os preconceitos, para todos os delictos, para todas as maldades o mesmo rude ataque ou o sarcasmo vivo e isto feito assim, saído da vulgaridade, creou-lhe um publico e um nome. O actual livro *Lisboa Tragica* não é composto apenas por trechos já publicados; tem muitos feitos expressamente para esse volume que Albino Forjaz dedica ao grande escriptor Fialho d'Almeida, na mais fervorosa e sentida homenagem ao talento do original auctor dos *Gatos*, ao prosador inimitavel dos *Cefeivos*, recordando-lhe no prefacio os termos em que elle offereceu o seu livro de *Contos* a Camillo Castello Branco.



D. Maria Evangelina da Silva Pinto
Alumna da Escola Polytechnica, que fez com distincção o exame de chimica após um dos mais brilhantes cursos preparatorios.

- 1—Albino Forjaz de Sampaio—(Cliché de Furtado & Reis)
2—O novo ministro do Japão em Portugal Minozi Arakawa
(Cliché de Benoliel)
4—Homem Christo, filho

HOMEM CHRISTO, FILHO.—O distincto jornalista e escriptor Homem Christo, filho, partiu em 18 de julho para o Brazil, d'onde irá á Argentina e ao Uruguay fazer a propaganda da revista *Cosmopolia* de que é redactor principal e que apparecerá brevemente em Paris.

E' vastissimo o plano d'essa revista, que tem por fim principal divulgar a litteratura latina, sendo os tres primeiros numeros d'esse trabalho, a que o talento do seu redactor principal dará todo o luzimento, dedicados ás litteraturas portugueza, brazileira e argentina. E' esta a obra que emprehendeu o distincto jornalista e que com a sua grande perseverança não dixerá de levar a cabo.





**BINOCULOS
ZEISS**

Grande intensidade luminosa, estabilidade. Resistencia a cada clima para

VIAGEM, DESPORTE, CAÇA, EXERCITO E MARINHA
PEÇA-SE O PROSPECTO «T. 77».

A' venda em todos os estabelecimentos de Optica, e por

Carl Zeiss, Jena, ALLEMANHA
Berlim, Francfort s. M. Hamburgo, Londres, S. Petersburgo, Vienna.




Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart. Paris



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e pbyisionomista da Europa

MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pela applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathegoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—LISBOA.

Consultas a 4\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.



Os Cinco Ultimos Perfumes

Rêve d'Ossian
Convoitise
Jardins d'Armide
Cillet Louis XV
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA
L. LEGRAND
11, Place de la Madeleine
PARIS
14-15, Conduit Street, LONDON

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, Bd des Italiens, PARIS

COMPANHIA
DO
Papel do Prado

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

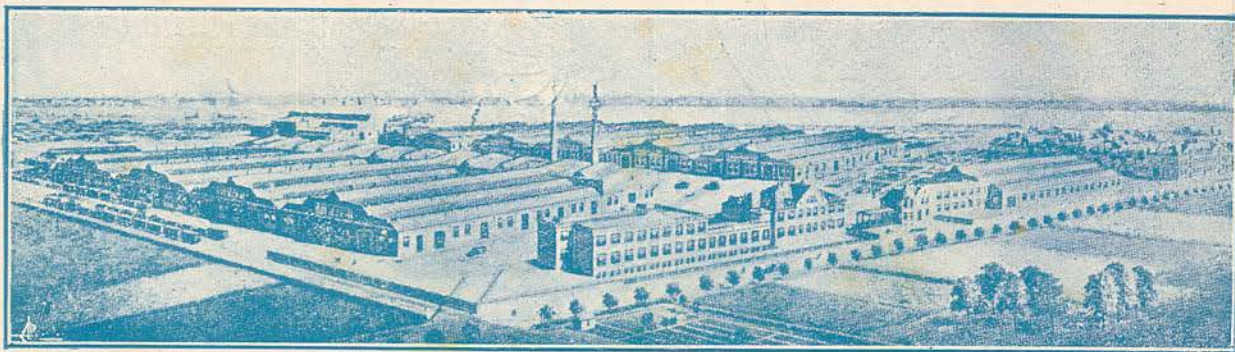
ESCRITORIOS E DEPOSITOS:
270, Rua da Princeza, 276-LISBOA
49, R. de Passos Manuel, 51-PORTO
Endereço telegraphico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numeros telephonicos: Lisboa, 605—Porto, 117.

COKE INGLEZ
PARA COSINHA
O MAIS ECONOMICO

R. Conceição, 17, 2.º
LISBOA
Telephone 1738

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Composição e Impressão fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcedivel perfeição.

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

Automoveis **BENZ** AutomoveisVISTA GERAL DA FABRICA «BENZ & C.^{te}» EM MANNHEIM

Marea d'automovel de reputação
mundial

**Preferida pelas principaes
Côrtes da Europa**

**RESISTENCIA, SOLIDEZ, PERFEI-
ÇÃO NO ACABAMENTO
E CONFORTO INEXCEDIVEIS**

MODELOS DE 1910

20 HP — 30 HP — 35 HP — 45 HP e 60 HP

Todos a cardan e com magneto alta tensão BOSCH

SUCCESSAES EM:

Paris, Londres, Vienna, Budapest e New-York

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL DE

BENZ & C.^a, Mannheim

JOSÉ DA SILVA MONTEIRO

Rua das Flôres, 133

PORTO